

## **CRIATIVIDADE E METÁFORAS EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

*Nelson Saldanha*  
*UFPE*

Já foi dito por Ortega que escrever é exagerar. Não têm faltado frases, em vários autores, sobre o caráter de exageração e "figuratividade" do falar e do escrever: a passagem do pensamento à expressão resvala, refrata-se, amplia-se, altera-se. Já foi também assinalado o fato de que, pelo menos desde Nietzsche, tornou-se impossível excluir a metáfora da linguagem religiosa e filosófica<sup>1</sup>. Realmente a filosofia do século vinte está toda penetrada de metáforas e ornada de recursos literários. Escrevendo sobre Jacques Derrida, cujo estilo qualificou de "estranho", um crítico norteamericano encontrou na idéia de desconstrução um cunho metafórico presente na própria literalidade<sup>2</sup>.

Nem é novo o assunto. Baltazar Gracián y Morales, o grande jesuíta espanhol do século XVII, que publicou várias de suas obras com o nome de Lorenzo Gracián, dedicou algumas palavras a ele. Estão no Discurso LIII ("De los compuestos por metáforas") do livro *Agudeza y arte de ingenio*, onde se lê que "a semelhança, ou metáfora, já pelo gostoso de seu artifício, já pelo fácil da acomodação, (...) costuma ser ordinária oficina dos discurso"<sup>3</sup>.

A linguagem como exageração, a filosofia mais recente como algo ligado às metáforas, e então acrescentemos: as metáforas como variá-

vel lingüística mas também histórico-cultural, como variável ligada ao espírito das épocas e dos contextos<sup>4</sup>. As grandes cosmogonias antigas como vastas metáforas, as mitologias também. A Bíblia como um repositório de metáforas: um enorme corpo de imagens nas quais as palavras e as coisas se complicam<sup>5</sup>. Com a referência à linguagem, que pode ser desdobrada numa alusão às línguas e aos seus usos, podemos encontrar exageros e ênfases nas próprias partículas expletivas de certos idiomas (assim em francês *je me meus, moi je crois* etc), e nos advérbios de modo com sua especial mobilidade.

E aqui teríamos pela frente um mundo de referências a registrar. A referência à razão como luz, e ao Estado (ou o governo) como um navio. A alusão dos humanistas à "árvore da ciência" e à "margarita philosophica"; as metáforas de Platão (inclusive o mito da *caverna*); a menção de Locke ao intelecto como *tabula rasa*; a comparação do corpo social ao corpo humano em João de Salisbury, retomando velha idéia grega; as suntuosas metáforas de Francis Bacon - notadamente a famosa teoria dos *ídola* -, bem como, em Hobbes, o *Leviatã* e o *Beemoth*<sup>6</sup>. As utopias como metáforas; a grande ficção de Montesquieu com as cartas persas que teve precursores); a linguagem barroca de Vico e sua alusão às três idades históricas. Idades: o velho mito das quatro idades do mundo simbolizadas nos metais (ouro, prata, bronze, ferro), que veio dos gregos e reapareceu em Ovídio; a alusão de Kant à sua própria "revolução copernicana"; as metáforas de Marx, entre elas a da *Unterbau* e da *Ueberbau*, que muitos têm tomado ao pé da letra. As noções de "esquerda" e "direita". A "física social" de Quetelet, denominação que tentou Comte. As alusões de Bachofen às épocas solares e às lunares, e as expressões de Nietzsche - estas com repercussão inclusive na psicologia. As metáforas de Freud. As do evolucionismo, inclusive a chamada "lei biogenética fundamental", tão discutida no Brasil em certa época. A idéia de *Kulturseele* em Frobenius. Um monte de referências: tem-se a impressão de que na História da Filosofia e da Ciências Sociais os grandes momentos são os que produzem metáforas mais convincentes<sup>7</sup>.

Tudo isto nos leva a pensar na idéia de Gadamer segundo a qual as chamadas ciências-do-espírito possuem um cunho hermenêutico. Pensaríamos também em uma relação/distinção entre metáforas e hipóteses: uma metáfora pode encobrir (ou revestir) um pensamento relevante, ou levar a uma ambigüidade<sup>8</sup>.

É possível que o fundamento (ou o mecanismo interno) da metáfora se ache posto entre a antiga noção de analogia e o conceito kantiano de juízo. Por outro lado uma das fronteiras do recurso à metáfora se encontra na necessidade de saber a medida da simbolização da linguagem (ela mesma feita de símbolos)<sup>9</sup>. Cabe sempre ter a medida do paradoxal e do insólito, sempre rondada pelo exagero, como nas

tiradas de Shaw sobre Shakespeare (um "lírico filosofante"), sobre Byron, Marx e outras figuras<sup>10</sup>.

Com estas breves referências ao uso das metáforas tencionamos colocar o complexo problema da criatividade. Um grande filósofo pode ter maior ou menor "originalidade", pode inclusive tê-la em grau menor do que outro de menor porte; um grande escritor pode não ser ou não parecer tão "criativo" (ou tão específico) quanto outro que se considere menor. A criatividade aparece como uma qualidade dentro da peculiar relação entre o trabalho do intelectual e seus temas: há fatores que freiam ou limitam o *élan* criativo, e entre eles se acham a tradição vigente em cada gênero, a necessidade de atender a normas ou o próprio hábito pessoal de seguir um padrão. Em certos casos a medida da criatividade parece confundir-se com algo como uma inauguração de formas ou de vias, algo como um "pioneirismo".

E de certa forma o apreço que se tem pela criatividade - sobretudo em suas fronteiras com a chamada originalidade - se relaciona com os contextos históricos. Assim, como se sabe, as épocas clássicas (seja o caso do classicismo ocidental nos séculos XVII e XVIII) valorizam relativamente pouco o nível de originalidade do trabalho intelectual, estimado sobretudo por sua performance formal: ao contrário do romantismo, que supervalorizou o inconfundivelmente pessoal e original. Nem sempre a "importância" atribuída a determinado autor corresponde à medida com que ele cria novas formas ou novas idéias (ou em que "rompe" com formas prévias): Aristóteles e Santo Tomás seriam talvez exemplos disso, bem como, em nosso século, um Whitehead ou um Habermas.

Dentro de um panorama bastante largo, concernente ao pensamento filosófico e às Ciências Sociais (bem como a certas áreas limítrofes, a "literatura" inclusive), a criatividade aparece em certas figuras como algo ostensivo; mas não é fácil situar o plano (ou o "aspecto") em que se encontra mais especificamente em determinadas *obras*, a obra como realidade (do "espírito objetivo") que se tem como relevante por si mesma. Em outros casos parece estar em certas *teorias* (ou idéias) a grandeza da marca criadora: na formulação de tal ou qual idéia (tal ou qual "doutrina"), elaborada em termos novos, inovadores ou "definitivos". No que tange à literatura a criatividade se expressaria inclusive na presença de uma *linguagem* especial.

Claro que isto fica dito como uma esquematização, porquanto obras e teorias às vezes se identificam: a filosofia de Spinoza está principalmente na *Ética*, a de Descartes principalmente no *Discurso*. As vezes uma teoria se consagra sem prender-se totalmente à obra (ou às obras) em que aparece, no caso a teoria platônica das idéias. Outras vezes,

ela está presa à obra em que surge. Assim a alusão de Spengler à morfologia das culturas é sempre citada como referência à "Decadência do Ocidente"; mas as idéias de Freud sobre a libido ou sobre o ego nem sempre se mencionam com alusão a tal ou qual livro. Certos autores se destacam por terem dito isto ou aquilo, como Augusto Comte por ter formulado a "lei dos três estados" (com base em Turgot e Condorcet) mas não se cita, ou quase, a obra em que o disse; no caso, não se cita senão raramente o *Cours de Philosophie positive*.

No caso das obras, às vezes a criatividade se acha no "espírito geral" de determinado livro, como no caso dos Ensaios de Montaigne (que ofuscaram historicamente os de Charron e os de Bacon). Pode estar no alcance polêmico da obra, como no caso de Marx, ou no sentido insólito e até pouco claro, como no de Nietzsche - cujo estilo cheio de metáforas veio até hoje favorecendo as reinterpretações. Pode estar em sua "estrutura", ou na temática enquanto tal; pode estar na persuasão que a própria seqüência das partes propicia. Com isto, certamente, já se entra no aspecto "literário" da obra, isto é, no sentido da obra como forma de arte.

Seria árduo e numeroso arrolar e comentar os exemplos mais salientes de criatividade no pensamento social moderno, a começar da renovação geral ocorrida nas formas e nos assuntos a partir da Renascença e do século XVII. Passaríamos por alto os nomes do século XVIII e encontraríamos no Romantismo - com seu já mencionado afã de "originalidade" - a fonte ao menos parcial (e "ocasional") daquela criatividade. A Sociologia do século dezenove (apesar do duro cientificismo do século) viveu de um convívio irregular mas fecundo com a Literatura e com a Filosofia, e na parte final do século (ou na virada para o vinte) aparecem valiosas novidades em Toennies, em Durkheim e Tarde, em Weber e Veblen, em Mannheim, e depois outras em Ortega, em Braudel, em Lévi-Strauss, em Foucault und so weiter<sup>11</sup>. Outro tanto se anote para a historiografia, também renovada com o (e desde o) Tomantismo<sup>12</sup>.

A especial estrutura das obras, relacionada com novidades temáticas, tal como seria crescentemente visível no século vinte, aparece em certos autores na primeira metade do século - inclusive, para o caso do Brasil, em Gilberto Freyre, mestre na combinação de porções temática e na distribuição de partes. A criatividade, nestes casos, pode estar em obras que não pareçam ter a "solidez" de certas obras maciças e convencionais do oitocentos; mas, sobretudo se servida por bons recursos de estilo, pode revelar-se como um *charme* especial.

Rousseau chegou a escrever que a linguagem humana possui na origem uma essência metafórica, em função de seu caráter passional. Isto foi registrado por Derrida em certa passagem de sua intrincada

*Gramatologia*<sup>13</sup>. A observação tem uma manifesta proximidade com a idéia de Vico (por sua vez semelhante à dos pré-românticos alemães) segundo a qual a primeira forma de linguagem teria sido a poesia. Na poesia, com sua carga emocional e sua floração de metáforas, é possível que o espírito dos primeiros povos (e dos primeiros "intelectuais") tenha encontrado ao mesmo tempo o desabafo e a fruição: vejam-se as literaturas iniciais de cada povo, com sua marca "heróica" e enfática<sup>14</sup>.

Agora cabe retornar ao tema da criatividade na Filosofia e nas Ciências Sociais, e com isso ao problema das metáforas na linguagem filosófica e científico-social. Semelhante alusão nos afasta evidentemente da pretensiosa concepção husserliana da "filosofia como ciência de rigor" e também do formalismo dos adeptos da filosofia analítica (e da "análise da linguagem"). A Filosofia vai tomada aqui como ampla e aprofundada reflexão, que não se reduz aos rigorismos miúdos, embora não seja obviamente um pensar sem coerência nem simetria.

Henri Marrou situou, em sua "História da Educação na Antiguidade", a presença de dois distintos legados gregos, com repercussão por todo o posterior mundo clássico: o de Platão, vinculado a um ideal intelectual (filosófico) rigoroso, e o de Isócrates, ligado à retórica e a um tratamento menos formal e mais flexível das coisas<sup>15</sup>. Do ulterior domínio do platonismo terá surgido o juízo negativo sobre a metáfora e sobre o pensamento "não rigoroso". Aí, entretanto, no recurso à metáfora e na liberdade de tratamento dos temas, sempre residiu a criatividade. A criatividade, contudo, não existe ou não ocorre apenas na Arte e na Literatura, mas também e obviamente na ciência, inclusive nas ciências ditas exatas ou positivas: só que neste caso ela *não* se prende diretamente ao metafórico. Na verdade a reflexão sobre o tema pediria uma parada diante do próprio conceito de "ciência" e uma consideração sobre o trabalho específico do "cientista" - inclusive o de um Copérnico, o de um Newton, o de um Gauss, o de um Pasteur. Fica a impressão de que talvez se deva em certos casos falar de graus de criatividade; em outros, falar de tipos. A Astronomia e a Biologia se desenvolveram em certos contextos como um esforço dentro do convencional e da pedagogia, em outros como obra de *achados* especiais.

Vale acentuar, porém, que a noção mais corrente e mais usual de *criatividade* parece ter conexão especial com a Arte e a Literatura (e com a Teologia: Deus cria, os deuses criam). Conexão com o "imaginário" e com o que, com certa impertinência, vem sendo chamado de "produção simbólica". Será talvez o caso de considerar-se que a alusão à criatividade artística e literária: a noção de criar corresponde a um sobrepôr-se ao dado, a um alterar de linhas, a um acrescentar de elementos<sup>16</sup>.

Nas Ciências Positivas, o tratamento dos temas não permite certas digressões: o trabalho se aplica sobre esquemas rigorosos, quer nas equações quer nos experimentos. Não existe uma "exposição" textual que propicie figuras literárias nem filosofemas, a não ser em explicações laterais ou introdutórias; não ocorre a redução do saber a um texto a não ser parcialmente, isto é, em grau bem mais baixo do que nas ciências ditas sociais. Por outro lado, nas ciências ditas positivas a "condução" dos temas (e a passagem de um ponto a outro) envolve conexões que dependem do estágio de cada área (biofísica, patologia etc.).

Nas Ciências Sociais, as vezes chamadas humanas (tal como na Filosofia), a *passagem* de um tema a outro é comum, e o texto - alguns impertinentes diriam com pompa "o discurso" - se desdobra em alusões que podem perfeitamente não ser "científicas" ou não estar *dentro* da área em questão. Assim o historiador mencionando questões econômicas ou o sociólogo aludindo a Dostoiewsky. E se nessas ciências se usa o gênero *ensaio*, o que é sempre viável, mais ainda: mais se terá a flexibilidade, a interdisciplinaridade, a digressão<sup>17</sup>.

Talvez se possa pensar, então, na passagem de um objeto a outro como algo próprio da linguagem poética e do *modo* poético de aludir às coisas. Seria o ensaio uma forma mais "poética" de fazer prosa. Seria, no caso das Ciências Sociais, uma alternativa mais flexível do que o tratado ou o texto didático.

E na passagem de um assunto a outro ocorre a tentação da metáfora, do mesmo modo como, em poesia, no trânsito de um objeto a outro.

Nas "grandes teorias", que fizeram e vêm fazendo a consistência das chamadas Ciências Sociais, o que se encontra basicamente é uma *visão nova* ou ao menos específica dos problemas. Uma visão que elabora (reelabora) dados, e que interpreta (reinterpreta) dados, e também relações, conceitos, pressupostos, expressões. O caráter hermenêutico das ciências humanas já foi acentuado por Gadamer (lembramo-lo acima) e incorporado nas linhas da chamada Filosofia Hermenêutica<sup>18</sup>, mas é preciso acentuar este ponto: a grande teoria é sempre uma *interpretação*, e no modo desta interpretação (modo, alcance, profundidade), se acha a extensão de sua criatividade<sup>19</sup>.

Neste ponto cabe e pode ser colocado um item fundamental dentro deste trabalho. Trata-se da relação entre a criatividade nas *Ciências Sociais* e a conexão que guardam com a *Literatura*. O assunto foi afluído algo acima. Se tomarmos a Literatura em seu sentido amplo - no qual se inclui a historiografia, por exemplo -, veremos que dela, e de seu desdobrar-se (na antigüidade) em temas e em motivos, vieram os campos que se chamariam, depois, Ciências Sociais. Aqui se

mencionariam os começos da economia e da política, inclusive com a larga e diversificada divulgação ocorrida durante o século XVIII<sup>20</sup>. Na verdade são ciências cujo surgimento coincidiu com a *dessacralização* da cultura ocidental, de onde sua ambígua relação com a Teologia - negando-a, retomando-a. A criatividade nessas ciências (entre as quais, adiante, se incluirão a Antropologia e a Psicanálise) teve também o que ver com seus componentes ideológicos: não são ciências puramente "burguesas", como afirmam as objurgatórias do socialismo oitocentista, mas *modernas*, *dessacralizadas*, *ideológicas*.

A presença das metáforas nas Ciências Sociais, que associamos à sua ligação com a Literatura (o mesmo se observe quanto às metáforas na Filosofia), e que também se associam à ocorrência ou à constância da forma ensaio, relaciona-se igualmente ao sentido de *síntese* dentro daquelas ciências. É verdade que o pensamento burguês, segundo alguns (Sartre inclusive), tende a ser analítico, mas isto no modelo expositivo do tipo cartésio-kantiano. Ao lado deste o pensamento moderno sempre contou com grandes formações sintéticas, onde o metafórico tem muito mais chances. Pessoalmente cremos que o espírito sintético corresponde à inteligência das semelhanças (o analítico, à das diferenças), daí a analogia de todo pensamento sintético com a poesia. Anotamos mais acima a conexão da ensaística científico-social com o modo poético de *ligar* objetos: o trânsito de objeto a objeto, e ao mesmo tempo o sentido das semelhanças<sup>21</sup>.

Estas coisas nos levam a situar a específica situação do *pensamento jurídico*. Talvez possamos considerar a teoria medieval do direito como mais criativa do que a moderna. Ela estava em conexão metodológica e doutrinal com a Teologia, e também (no caso do Direito público) com a Filosofia Política. O Direito público moderno, ao concentrar-se gradativamente sobre seus próprios conceitos, separando-se da Teologia e da Filosofia, tornou-se evidentemente menos metafórico e dirigiu sua criatividade em um sentido distinto<sup>22</sup>. Observa-se o prestígio, relativamente menor, da forma ensaio dentro da Ciência Jurídica, mais presa ao tratado e ao "estudo", sempre por conta de um empedernido cientificismo e de um peculiar senso de formalidade e sistematicidade. A isto se acrescenta a grande preocupação obsessiva da qual derivam as exigências de "rigor" e a aversão à interdisciplinaridade<sup>23</sup>. O secular formalismo da chamada Ciência do Direito a faz especialmente avessa às metáforas<sup>24</sup>. A criatividade, no saber jurídico, se limita geralmente às grandes revisões metodológicas ou às inovações temáticas trazidas em geral de fora, isto é, ensejadas por mudanças globais nos contextos culturais<sup>25</sup>.

Um dos elementos culturais que caracterizam a situação histórica das chamadas Ciências Sociais é aquilo que se chama de *humanidade*. A

formação deste conceito, a partir do Renascimento e do tratamento do legado "clássico", propiciou a consciência da unidade dos conhecimentos relativos ao humano: propiciou também a própria concepção genérica das ciências, concepção cuja fragmentação, no século XIX (com o advento dos exagerados especialismos), condicionou de alguma forma a quebra do sentido ético do saber. A noção de "humanidades" cresceu em relação com o caráter unitário das chamadas Ciências Sociais e até com o papel específico da bibliografia nestas ciências<sup>26</sup>.

## Notas

1 - Cf. Chaïm Perelman, no verbete "Analogia e Metáfora", em *Enciclopédia Einaudi*, vol. 11 (Edição portuguesa, Imprensa Nacional, Lisboa 1987) pág. 215. Agrega o autor a seguinte frase de D. Berggren: "o pensamento verdadeiramente criativo e não-mítico, seja nas artes, nas ciências, na religião ou na metafísica, deve ser irremediável e irredutivelmente metafórico". Aqui nos abstermos de entrar nos aspectos mais técnicos, sob os quais a metáfora corre o risco de ser chamada com o hirsuto nome de plurissigno.

2 - David Hoy, "Jacques Derrida", em *The Return of Grand Theory in the human sciences*, ed. por Quentin Skinner, Cambridge Univ. Press 1985, pág. 44. - O tema se acha no fundo do estranho e notável livro de Derrida: *A Farmácia de Platão* (trad. R. Costa, ed. Iluminuras, São Paulo 1991). - Uma reflexão mais profunda nos levaria à relação entre os modos de pensar de determinado contexto histórico-cultural e as estruturas que, no pensar, permitem a metáfora. Para um caso exemplar, v. o estudo de Umberto Eco "A linha e o labirinto: as estruturas do pensamento latino", em Georges Duby (org.) *A Civilização Latina. Dos tempos antigos ao mundo moderno*, trad. Isabel St. Aubyn, Ed. Dom Quixote, Lisboa 1989.

3 - *Obras Completas* de Lorenzo Gracián (Baltazar Gracián, Editorial Poblet, Buenos Aires 1943, tomo I, pág. 499.

4 - Umberto Eco menciona o "universo cultural e intertextual" dentro do qual *funcionam* as metáforas, que em outro universo não seriam concebíveis (*Les limites de l'interprétation*, trad. M. Bouzaher, ed. B. Grasset, Paris 1992, pág. 169). Diz a seguir: "Le peché pour Dante peut être une forêt parce que toute la tradition patristique et médiévale voyait en la *silva* un labyrinthe, un lieu dangereux hanté par des monstres diaboliques (etc)". - Sobre a imagem da pantera e da cação em Dante, cf. *De vulgari eloquentia*, ed. bilingüe (trad., Introd. e Notas de S. Cecchin), Editori Associati, Milão 1988, págs. 50, 72 e passim.

5 - Segundo N. Frye, a Bíblia aparecia na Idade Média como o "Grande Código", um gigantesco mito unificado em um corpo de imagens e em um

núcleo metafórico (c. Andrea Tagliapietra, "Introdução à obra de Joaquim da Fiore", em *Gioachino da Fiore Sull' Apocalipse*, ed. Feltrinelli, Milão 1994, pág. 21). - Cf. também Umberto Eco, "A linha e o labirinto", loc. cit., pág. 29, sobre a profusão de imagens e de símbolos no medievo, que permitia que com qualquer expressão se falasse de Deus, dentro de uma leitura metafórica do "livro do mundo".

6 - Para as listas de figuras de retórica, Umberto Eco menciona o *Thesaurus* de Rosselli e também *L'idea del Teatro* de C. Delminio (*Les limites de l'interprétation*, cit., págs. 79 e segs). Tais listas incluíam ilusões mitológicas, como Hércules ou Prometeu, analogias zoológicas (o leão, o urso), signos do zodíaco etc. - Sobre a metáfora do "corpo social", ver Niklas Luhmann, *Soziale Systeme. Grundriss einer allgemeinen Theorie* (Ed. Suhrkamp, Frankfurt 1991), cap. 5, item VI, págs. 270 e 271. - Para outros aspectos veja-se o interessante texto de Maurice Stein, "The poetic metaphors of sociology", em M. Stein e A. Vidich (orgs.) *Sociology on Trial*, Prentice-Hall, N. J. 1963.

7 - Neste caso se situariam algumas das frases mais ressonantes da Filosofia, como a de Hegel sobre a semelhança entre a Filosofia e a coruja de Minerva (ou ainda a de Marx segundo a qual a Filosofia é a cabeça da revolução, sendo o proletariado o coração). - Observações esparsas mas sempre sugestivas sobre metáforas no pensamento social em geral (e no antropológico em especial) encontram-se no notável livro de James A. Boon, *Otras tribus, otros escribas. Antropologia simbólica en el estudio comparativo de culturas, historias, religiones y textos* (trad. S. Mastrangelo, FCE, México 1990), sobretudo págs. 41, 79, 140. - Ainda para a noção de metáfora, J. Ortega y Gasset, "Las dos grandes metáforas", em *El Espectador*, IV, Madrid 1966.

8 - Na Antropologia do século vinte, os livros de Claude Lévi-Strauss se destacaram pelas imagens literárias. Segundo James Bonn, os títulos de suas obras eram intencionalmente realçados por capas *emblemáticas*. Além disso, o escritor francês pretendeu "orquestrar" certas obras como um ciclo, imitando a tetralogia de Richard Wagner (cf. J. Boon, "Claude Lévi-Strauss", em *The return of Grand Theory*, cit., pág. 170).

9 - Cf. Umberto Eco, *Les limites*, op. cit., passim. - Para uma análise técnica do problema da imagem, do ponto de vista psicológico (e fenomenológico), v. Jean-Paul Sartre, *L'imagination*, PUF, Paris, 1948, cap. II.

10 - Em nossa opinião, externada em ensaio de 1980 (cf. *Humanismo e História*, Fundarpe - José Olímpio, Rio de Janeiro 1983, págs. 57 e segs.), a tendência às tipologias corresponde, no pensamento contemporâneo, ao relativismo: são uma forma secular e racionalizada de dualismo. Neste sentido constituem um recurso eficaz para a criatividade, e no caso temos a distinção bergsoniana entre moral aberta e moral fechada, alma aberta e alma fechada, além das conhecidas tipologias de Jung, de Weber etc.

11 - Acrescentem-se a estes nomes - ao lado dos quais caberiam tantos outros - o de Ernst Bloch (inclusive com suas tipologias a propósito de utopias) e o do espanhol Carlos Moya, tão pouco citado, autor contudo de um livro estupendo que é *De la ciudad y de su razón* (Ed. Cupsa, Madrid 1977), uma brilhante reinterpretação das relações entre as metamorfoses do fenômeno urbano e as do pensamento social no Ocidente.

12 - Aqui mencionamos o importante livro de Hayden White, *Metahistory (Metahistoria. La imaginación histórica en la Europa del siglo XIX*, trad. Stella Mastrangelo, FCE, México 1992). A alusão à metáfora aparece no título do primeiro capítulo, mas não se acha desenvolvida no texto. O capítulo II, sobre Hegel, retoma (da Introdução) a menção à poética, e também (do cap. I) a referência à ironia. Às págs. 92 e segs. analisa as alusões de Hegel à retórica dentro da historiografia. No cap. IX, concernente a Nietzsche, temos um estudo sobre mito e história. No século vinte um autor que renovou a linguagem do saber histórico foi como se sabe Braudel, em cuja obra se encontram várias metáforas: inclusive a da história econômica como um edifício de três andares, estando no térreo a parte material (algo como o que está em Marx), no andar médio a articulação das necessidades e no superior os mecanismos específicos (cf. Peter Burke, *A Escola dos "Annales"*. 1929-1989, 3ª ed., trad. N. Odália, Unesp, S. Paulo 1991, cap. 3). Descaberia, neste breve estudo, tratar da relação entre a *durée* de Braudel e suas fontes (bergsoniana e possivelmente proustiana).

13 - Jacques Derrida, *Gramatologia* (trad. M. Schnaiderman e R. Ribeiro, ed. Perspectiva, São Paulo 1973), cap. II, pág. 130.

14 - Cf. por exemplo o estudo de Jorge Luís Borges sobre as Kenningar, metáforas peculiares à poesia nórdica, especialmente da Islândia (cf. *Historia de la Eternidad*, Ed. Emecé, Buenos Aires 1953, págs. 43 e segs. Borges a qualifica de "penosas equações sintáticas". Aliás este livro contém um breve ensaio sobre a metáfora, que entretanto não acrescenta muita coisa ao assunto.

15 - Henri-Iréné Marrou, *História da Educação na Antiguidade* (trad. M. L. Casanova, EPU, São Paulo 1975, 4ª reimpressão), parte I, capítulos 6 e 7. Marrou, em frase discutível mas interessante, compara a diferença entre os dois legados à oposição entre "*esprit de géométrie*" e "*esprit de finesse*" (p. 146). Discutível também, embora relevante, o ensaio de M. Finlay sobre Sócrates, em seu *Uso y abuso de la historia* (trad. A. Perez - Ramos, Ed. Crítica, Barcelona 1977).

16 - A noção, obviamente, depende dos contextos, e do campo em que ocorre o trabalho criador. Em função disto se entendem elementos que vão dos esquemas iniciais e das intuições básicas até à seleção da informação e às "liberdades" que se tomam com os cânones de determinada área do saber (ou da arte).

17 - O papel do tratado nas Ciências Sociais tende a ser formal e conservador: o do ensaio, informal e renovador. O tratado (como de certo modo o "artigo" feição acadêmico) obedece a padrões assentes quanto à estrutura expositiva, à bibliografia etc, enquanto que o ensaio assume liberdades quanto a esses padrões e quanto ao próprio contacto com o tema. Atribui-se ao tratado uma origem árabe: há a este respeito uma frase ambígua no estudo de Habermas sobre Adorno, em passagem onde cita Walter Benjamin sobre o Tratado (Jürgen Habermas, *Perfiles filosóficos-político*, trad. M. Jiménez Redondo, Ed. Taurus, Madri 1986, cap. 7, pág. 145). Cabe citar que, à mesma página, diz Habermas que desde a morte de Hegel o posto dos grandes filósofos vem sendo ocupado pelos escritores.

18 - Cf. nosso *Ordem e Hermenêutica*, Ed. Renovar, Rio de Janeiro 1992.

19 - O próprio caráter hermenêutico das metáforas, ininteligíveis fora da sua contextualidade (que é como uma "pré-compreensão" para seu entendimento), valoriza sua eventual presença na linguagem das "grandes teorias". No pensamento moderno temos algumas das grandes teorias se situando (e portanto se negando ou se relativizando) umas às outras: o marxismo negando o "pensamento burguês", Spengler interpretando como sinal de decadência as teorias do tipo marxista, Sorokin situando dentro da época "sensista" ou da "ideativa" estas e aquelas concepções.

20 - Foucault estudou, com erudita minúcia e ardilosa penetração, a formação da imagem do homem (e das ciências do homem), nos séculos XVII e XVIII, a partir da "história natural", da "ciência (ou análise) das riquezas" e da "gramática geral" (cf. *Les mots et les choses*, ed. Gallimard, Paris 1966, págs. 214 e segs.).

21 - Cf. Umberto Eco, *Les limites*, passim.

22 - Para a referência ao pensamento jurídico medieval, no caso do "direito público" (se é que ocorreu na Idade Média a distinção entre direito público e direito privado), queremos exemplificar com o famoso e erudito estudo de Ernst Kantorowicz *The King's Two Bodies* (trad. ital. *I due corpi del Re. L'idea di regalità nella teologia politica medievale*, Ed. Einaudi, Turim 1989). A grande metáfora, que atribuía ao monarca dois corpos, um mortal e outro imortal, tinha relação com diversos conceitos jurídicos e ao mesmo tempo com imagens teológicas. Para outros aspectos, e dentro da vasta literatura concernente, v. Manuel García-Pelayo, *La idea medieval del derecho* (Univ. Central da Venezuela, Caracas 1962).

23 - Sobre as "fronteiras" existentes entre as Ciências Sociais - e sobre a criatividade correspondente e não levá-las demasiado ao sério -, cf. as referências à "história global" de Braudel, em P. Burke, *A Escola dos Annales*, cit., pág. 55. Sobre o assunto v. também Clyde Kluckhohn, *Antropologia (Morrer For Man)*, trad. T. Ortiz, ed. FCE, México 1949, Apêndice, pp. 353 e segs. - Seria possível refletir sobre o papel (e os graus) da interdisciplinaridade no processo criativo dentro de cada ciência, principalmente nas Ciências Sociais. Interdisciplinaridade e correlação (ou complementaridade) de temas: como ocorreu com Gilberto Freyre ao criar a tropicologia. - Para a crítica à excessiva preocupação com o objeto, nosso *Da Teologia à Metodologia. Secularização e crise no pensamento jurídico*, ed. Del-Rey, Belo Horizonte 1993.

24 - Exceto alguns casos também seculares, como o da expressão *fontes do Direito*, fonte permanente de equívocos e de dúvidas. - Recentemente a discussão sobre a "autopoiesis" no direito tem dado lugar a um certo toque metafórico, bem como (como ocorreu tantas vezes no oitocentos) a recursos de linguagem tirados da Biologia.

25 - Sobre metáforas no jusnaturalismo clássico, Pietro Costa, *Il progetto giuridico. Ricerche sulla giurisprudenza del liberalismo classico* (Ed. Giuppè, Milão 1974), Volume I, págs. 296-297 e seguintes. Alguma coisa no livro de Rudolf Wiethoelter, *Le formule magiche della scienza giuridica* (trad. L. Amirante, Ed. Laterza, Bari 1975). - Mais: poder-se-ia pensar na ocorrência de épocas mais propícias à criatividade, no pensamento jurídico. O Roman-

tismo obviamente terá tido relação direta com isto, e no caso (embora já na fase "posterior" do Romantismo) situaríamos a obra do inquieto Ihering com suas renovações constantes, seu contacto com a literatura, a economia e a história. Infelizmente a extensão deste estudo não comporta uma alusão menos rápida à *Teologia Política* de Carl Schmitt, com suas implicações - de certo modo românticas - e seus desdobramentos.

26 - Para o assunto ver a citação de w. Guttsman em nosso breve ensaio "Saber universitário, filosofia e ciências humanas", em *Humanismo e história*, op. cit., pág. 11. - Para outras observações, Sebastião Vila Nova, *Ciência Social: Humanismo ou Técnica?*, ed. Vozes, Petrópolis 1985.

Endereço do Autor:  
Rua Conde de Irajá, 431 / 202  
50710-310 Recife-PE